

Paranóia e poder: política e psicologia de massa

Emanuel Tadeu Borges
Mestre em Psicologia Clínica – UFF
tadeuejoana@ig.com.br

Resumo: este artigo trabalha diversos aspectos do poder totalitário aludindo, entre outros fatores, a filmes como “1984”, sobre o livro de George Orwell, e “Alucinações do passado” (“Jacob’s Ladder”). Entre as questões aqui abordadas temos o totalitarismo dos regimes ditatoriais como paranóia projetada no plano político: “solidão coletiva”, sempre liderada por um indivíduo que nega a alteridade e estende projetivamente seu ódio sobre uma massa apta a captá-lo e realizá-lo; sempre uma coletividade agindo de modo homogeneamente irracional e portanto em condições de disseminar e desencadear esse ódio no plano social

Palavras-chave: Poder, paranoia, política, representações, massa, psicologia

Dois aspectos marcam o exercício do poder político em sua forma totalitária (nas tiranias e ditaduras): o expurgo dos que pensam diferente, dos que se opõem, criticam ou simplesmente questionam o Estado e em certos casos, o extermínio em massa dos adversários (como o fizeram Stalin, Hitler, Mao, Pol Pot, Ceaucescu, entre outros); e a necessidade de suprimir qualquer idéia ou forma de ideologia que seja diferente daquela professada e posta em prática pelo Estado (a queima de livros é a manifestação, a um só tempo, concreta e simbólica desta atitude).

O absolutismo ou totalitarismo dos regimes ditatoriais é a paranóia projetada no plano político: “solidão coletiva”, sempre liderada por um indivíduo que nega a alteridade e estende projetivamente seu ódio sobre uma massa apta a captá-lo e realizá-lo; sempre uma coletividade agindo de modo homogeneamente irracional e portanto em condições de disseminar e desencadear esse ódio no plano social. A paranóia é uma forma patológica de egocentrismo: medo do outro e busca da solidão, medo da noite e da escuridão, da morte e de tudo o que é exterior. O mal, inexoravelmente, acaba por exterminar a si próprio. O mal, a paranóia, a solidão, o medo e o ódio formam um composto. São, talvez, o resultado da ausência de amor e de apoio, de nutrição, de princípios éticos, de carinho, de diálogo, de confiança, de limite vividos, principalmente na infância.

A outra característica a que aludimos é a queima de livros e a eliminação de toda e qualquer instituição ou grupo que desenvolva idéias que não interessem aos poderes constituídos (como no caso da queima da biblioteca de Alexandria por Nabucodonosor ou dos livros “subversivos”, em praça pública, durante o nazismo, para citar apenas dois exemplos historicamente marcantes, dentre tantos outros). “Contrário à nossa ideologia”, nesses casos, significa: “não deve ser simplesmente possível pensar uma só idéia diferente das nossas”. É proibido pensar ou pelo menos, comunicar o que se pensa. E não pensar significa perder a capacidade de analisar, a possibilidade de problematizar (quer dizer, pôr em questão o real), de exercitar o pensamento para abrí-lo a novas perspectivas, lançá-lo na descoberta de novas alternativas.

Nos totalitarismos, a pluralidade de pensamentos deve dar lugar ao “Pensamento Único”, essa figura tão assustadora, estático, estagnado, morto. A morte do pensamento corresponde à morte do novo, da possibilidade de criação, da vontade individual e dá lugar ao comportamento de massa, irracional, instinto cego guiado pelos impulsos mais baixos, pelas pulsões animais, pela vontade de homogeneidade e igualdade mecânicas. A morte do pensamento é a vida do instinto de massa e de um sinistro desejo de morte, bestialização do comportamento coletivo. Aquele que lidera através do medo e do terror, quer a aniquilação dos adversários mas traz, também, latente em si, a destruição dos aliados, a destruição de qualquer outro e em última instância, a destruição total, o silêncio, o vazio e no episódio final de seu delírio, a morte de si mesmo, pois já realizou seu projeto de negação total e pode enfim dormir, abolir-se, lançar-se no vazio, negar a si próprio, como corolário de seu projeto. Deleuze e Guatari:

É curioso como, desde o início, os nazistas anunciavam para a Alemanha o que traziam: núpcias e morte ao mesmo tempo, inclusive a sua própria morte e a dos alemães. Eles pensavam que pereceriam mas que seu empreendimento seria de toda maneira recomeçado: a Europa, o mundo, o sistema planetário. E as pessoas gritavam ‘bravo!’, não porque não compreendiam mas porque queriam essa morte que passava pela dos outros. (...) O romance de Klaus Mann, ‘Mephisto’, oferece amostras de discursos ou de conversas nazistas perfeitamente habituais: ‘O heroísmo patético fazia cada vez mais falta em nossa vida.[...] Na realidade, não caminhamos a passo militar, avançamos titubeando.[...] Nosso amado Führer nos arrasta para as trevas e o nada.[...] Como nós, poetas, que mantemos relações particulares com as trevas e o abismo, não o admiraríamos por isto.[...] Raios de fogo no horizonte, valetas de sangue em todos os caminhos, e uma dança de possuído dos sobreviventes, daqueles que ainda estão poupados, em torno dos cadáveres.’ O suicídio não aparece como castigo mas como coroamento da morte dos outros. É sempre possível dizer que se trata de um discurso confuso e de ideologia, nada mais que ideologia. Mas não é verdade: a insuficiência das definições econômicas e políticas do fascismo não implica a simples necessidade de se acrescentar a elas vagas determinações ditas ideológicas. (...) Reencontramos sempre nesses enunciados o grito estúpido e repugnante, ‘Viva a morte!’, até no nível econômico, onde a expansão do rearmamento substitui o aumento do consumo, e onde o investimento se desloca dos meios de produção para os meios de pura destruição. (...) O telegrama 71_ ‘Se a guerra está perdida, que pereça a nação’ _ no qual Hitler decide somar seus esforços aos de seus inimigos para consumir a destruição de seu próprio povo, aniquilando os últimos recursos de seu habitat, reservas civis de toda natureza (água potável, carburantes, víveres, etc.) é o desfecho normal... (DELEUZE e GUATARI, 1996; p.113,114 e 115)

Estão dados aí os principais elementos: um certo messianismo, um certo ritualismo e o espírito suicida do “mal”. Usando a expressão cunhada por Deleuze e Guatari: paixão de abolição.

As palavras e a memória em “1984” (o filme)

Podemos identificar as duas formas fundamentais de resistência em OCEANIA, ante o jugo da INGSOC (a instituição representativa do poder do “BIG BROTHER”, no drama de Orwell):

O pensamento, como potência de verificação da realidade, problematização do real e a linguagem não-oficial como forma de expressão potencialmente revolucionária “dialeto de gueto”, com sua carga de humor e seu caráter sugestivo, isto é, motivador e fortalecedor do pensamento, estreitando sua relação com o concreto.

Em segundo lugar, a memória, como forma de resgatar os laços afetivos, meios naturais de interatividade e solidariedade entre os indivíduos, rompendo assim o isolamento amedrontado, a solidão paranóica gerada pela vigilância anônima e onipresente e trazendo à cena o até então abolido campo das possibilidades, da criação, o virtual, o “futuro em pessoa”. As modalidades da memória, as atividades retrospectiva e criativa, isto é, a memória do passado e a memória do futuro, respectivamente, são acionadas pelo contato dos corpos, os gestos e as melodias (em substituição ao isolamento dos corpos, aos maneirismos, catatonias e às palavras-de-order). São os três modos do sentimento: o contato dos corpos ou sensualidade, desperta o afeto; os gestos são sempre dirigidos a outros; dizer “eu gosto de você” é uma forma de melodia, constitui um “território afetivo”.

Ambas as formas de resistência, o pensamento e a memória, confundem-se com um exercício que as articula e as atualiza: o do desejo ou da vida como movimento incessante de ligação dos fluxos ou linhas de expressão da Natureza: homens, animais, coisas. EXPERIMENTAÇÃO.

Como romper com a necessidade de reconhecer as fórmulas que nos são inculcadas e com as quais nos identificamos, naquilo que presenciamos? Como escapar de recorrer a essas receitas prontas, dispostas em fila no nosso cotidiano como um pelotão de decodificadores, analisadores e que se antecipam a um fundo mais ágil e plástico, que se move sem cessar num nível mais profundo do pensamento? Parece que reside aí a

importância de parar o diálogo interno (Castañeda): esse conjunto de idéias pré-concebidas, convicções, gostos, opiniões, que constituem os “postos avançados de nossa subjetividade”, os reais mantenedores de nossa identidade pessoal a ressoar nas câmaras de nossa consciência.

Há uma cena no filme em que se coloca a necessidade de purgar a linguagem dos termos nela introduzidos pelo “inimigo interior”, denominados “crimes de pensamento”, através de uma renovação compulsória e constante do vocabulário a ser utilizado, possibilitada pela sucessão vertiginosa de edições revisadas do dicionário contendo a língua oficial (“Já estamos na décima edição...”). É óbvio que isso nos remete ao caráter revolucionário do patoá, da gíria, dos dialetos, que exprimem as condições materiais reais dos grupos nos quais são produzidos, mesmo sob condições de repressão, expondo os problemas, os movimentos e as práticas, pela incessante renovação dos termos, respondendo diretamente ao devir criativo das ações concretas que se efetuam no grupo. Além do mais, o caráter codificado da linguagem mantém o sigilo, o ocultamento necessário a qualquer forma de resistência, restringindo a eficácia da mensagem àqueles que detêm o sentido das palavras. Isto mantém o opressor sempre um passo atrás, vendo-se obrigado a forjar meios que levem à descoberta dos segredos daquele linguajar (problema da manutenção do segredo e da necessidade de renovação constante dos termos e do seu sentido e cuidado com o risco da traição ou da infiltração do inimigo, para a minoria em posição de resistência).

A memória, por sua vez, está ligada ao afeto. Talvez possamos dizer que memorizamos apenas o que nos afeta, em maior ou menor grau. Talvez possamos ir mais longe e afirmar que memorizamos mais nitidamente quanto mais intenso for o afeto. Se isto for correto, para que as pessoas percam a faculdade de produzir uma memória e assim fiquem mais facilmente à mercê dos mecanismos de submissão, torna-se necessário impedir que elas se toquem ou pelo menos que não se afaguem, mesmo que este afago seja um aperto de mão... Em outras palavras: é preciso formar soldados e não cidadãos, pois a função do soldado é negar o outro, eliminá-lo; “matar ou morrer”. Ou então que uma intensidade limite produza a necessidade de esquecer. Ser forçado a agir contra a sua

própria natureza. É preciso que a tortura, a dor e a humilhação venham junto a palavras- de- ordem. Que a violência mais profunda, mais secreta, mais íntima abra caminho para o opressor e esmague o querer (como uma bota enorme esmagando o rosto de um homem: o emblema do poder, forjado por Orwell). O dever esmaga o desejo, o rosto se dissolve na multidão de iguais. Pois o dever se exprime por meio de dogmas detendo as potências da vida, bloqueando-as e impedindo sua expressão. O dogma impede a experimentação, condição da criação, enquanto produção do novo. Impede a mudança. O DEVER atinge o paroxismo: Nada de memória! (Nada de passado!) Nada de ambição! (Nada de futuro!) Nada de sentimento ou emoção! (Nada de presente!) NADA DE PENSAMENTO! A liberdade passa a ser um vão estreito em meio a centenas de olhares controladores. Em cada cabeça a mesma sentença. Em cada corpo o mesmo impulso, os membros na mesma ação sincronizada (trabalho). Atividade produtiva. Aumento da produção. Guerra eternizada. Volto-me para mim mesmo: vejo o PARTIDO. Olho adiante: há o INIMIGO. Não há mais verdade e erro, apenas CERTEZA. Mas não é isso o DEVER: “não ter porque pensar, não precisar pensar?” O dever chega a seu cúmulo: NÃO HÁ MEMÓRIA. “2+2 são 5,4,3,2...qualquer coisa...” O inimigo de hoje é o aliado de amanhã; o aliado de hoje, o inimigo de amanhã, portanto cuidado! A amizade é um risco mortal. “Eles podem te obrigar a dizer o que quiserem mas não podem mudar teu sentimento”, diz, todavia, a personagem Julia.

E como folhas ao vento, a vida esvoaça. O DESEJO vaza pela menor das frestas. No vão entre inúmeras cabeças, em meio à propaganda do partido, que ressoa dos alto-falantes por toda parte, Julia e Simpson se entreolham. O sentimento se faz melodia no som da canção da velha lavadeira e no seu andar ondulante. Música e dança. Um canto pode marcar um território de caça, demarcar um habitat, acompanhar uma prática específica (lavar roupa), enunciar ou despertar um DESEJO... (como nos ensina, belamente, a Etologia). A lavadeira é “de uma outra espécie”. Como um pássaro emitindo seu trinado, a lavadeira canta. Simpson escreve na poeira: 2+2= ... O desejo problematiza... O homem AINDA... Este “AINDA” é o coeficiente de liberdade no fundo de toda escravidão, pronto a ser detonado do nada, por um trinado que seja. Simpson volta-se para o Vazio que tem diante de si, não como um “Nada” mas como um puro PORVIR e diz “Eu te amo.” As

rodas do seu desejo giram no vazio, soltas e loucas. Mas observemos sua posição: ele encontra-se de costas para o telão com a imagem do “Big Brother” e de costas, também, para os alto-falantes e suas “palavras-de-order” que não cessam de jorrar, porém de frente para a porta, por onde saíra Julia. De frente, também para a câmera, para nós, os audiência, sempre transitória, para o VIRTUAL, por onde desfilam as “possibilidades de conexão do desejo”. De costas para o poder, de frente para a VIDA. De costas para o ódio, de frente para o AMOR. O DESEJO VAZA PELAS BORDAS, NAS BEIRADAS E NOS CANTOS (VÃOS OU MELODIAS). O mecânico “I LOVE YOU” de Simpson é um insano YES girando solto no ar.

O mal em: “Alucinações do passado” (“Jacob’s Ladder”)

Jacob é ferido por uma estocada de fuzil ao tentar escapar de uma chacina, saberemos mais tarde, promovida por um companheiro enlouquecido que massacra toda sua própria tropa (cena típica e tristemente americana). O filme, que assim se inicia, busca a partir daí um desvendamento do acontecido, tendo como foco e protagonista, Jacob, e como tema ou problema, o “mal”. Jacob, mortalmente ferido, empreende um acerto de contas consigo mesmo, uma retrospectiva se desencadeia (daquelas que, diz-se, ocorre com os moribundos, que passariam à limpo as imagens de toda a sua vida, antes de morrer): uma fantástica aventura de auto-conhecimento, elucidação. Percorre-se toda uma galeria de afetos, emoções, alegrias e tristezas, fantasmas, monstros, mêdos, dúvidas e certezas. Um violento confronto entre os poderes da dúvida, do ocultamento, das trevas e da destruição, em uma palavra: da morte, de um lado (“Você já está morto”, escuta repetidamente Jacob); e de outro lado, as forças da luz, da lucidez, do destemor, do amor, isto é, da vida: “Os demônios só são demônios quando nos deixamos perturbar por eles, se os acolhemos em paz eles tornam-se os anjos da nossa purificação.” Estranha colocação, em princípio, que se tornará, no entanto, a chave do problema, como veremos.

As cicatrizes no espírito de Jacob, são as verdades que as experiências, boas ou más, depositam numa linguagem secreta em nossa memória. Os afetos ganham corpos humanos a representá-los, logo trocam de corpos; toda uma imagética onírica se desenrola na qual, por sua vez, os corpos, variam de afetos e assim a situação vivida é resgatada e reprocessada e se alinha a cadeias de acontecimentos não vividos, produzidos pela imaginação, no intuito de acelerar a compreensão, como se fosse um “acelerador de partículas” da consciência. Alucinações, rostos que trazem idéias, trechos de sonhos, lembranças reais e situações artificiais. Os demônios são a queima e destruição do mal, pois o mal acaba por destruir-se. É esta a cena nuclear do filme: “Irmão destruindo irmão”, a chacina dos próprios companheiros, no enlouquecimento da guerra e da droga denominada, a “escada”. O mal é auto-destrutivo, a violência precisa da violência. O mal é a distorção da sensibilidade e da percepção. A guerra e a “escada”, a droga para “estimular os soldados no combate”, é o “tiro pela culatra”, foge ao controle. Mas a “escada”, nada mais é que a aceleração da insanidade da guerra. Jacob descobre que trata-se de uma experiência do governo americano, cujas cobaias são os próprios soldados americanos que ingerem a droga sem o saber. Soa-nos familiar: “Rambo”, “Duro de matar”, “O Predador”, “Mad Max”. Carnificina de imagens e um modelo de heroísmo. Livre comércio de armas. A política externa americana. Estética de guerra. Escutemos Benjamim: “A guerra e somente a guerra permite dar um objetivo aos grandes movimentos de massa, preservando as relações de produção existentes.” Em seguida ele cita o manifesto sobre a guerra colonial da Etiópia, formulado por Marinetti, que nos parece uma concepção cenográfica de uma dessas produções belicistas da indústria cinematográfica norte-americana atual:

“Há 27 anos, nós futuristas contestamos a afirmação de que a guerra é antiestética...Por isso, dizemos:...a guerra é bela, porque graças às máscaras de gás, aos megafones assustadores, aos lança-chamas e aos tanques, funda a supremacia do homem sobre a máquina subjugada. A guerra é bela, porque inaugura a metalização onírica do corpo humano. A guerra é bela, porque enriquece um prado florido com as orquídeas de fogo das metralhadoras. A guerra é bela, porque conjuga numa sinfonia os tiros de fuzil, os canhoneios, as pausas entre duas batalhas, os perfumes e os odores de decomposição. A guerra é bela, porque cria novas arquiteturas, como a dos grandes tanques, dos esquadrões aéreos em formação geométrica, das espirais de fumaça pairando sobre as aldeias incendiadas, e muitas outras...Poetas e artistas do futurismo...lembrai-vos desses princípios de uma estética da guerra, para que eles iluminem vossa luta por uma nova poesia e uma nova escultura!” (BENJAMIN, 1986; p.195/196)

Como é que esse tipo de proposta vinga? Em que condições essas “flores do mal” podem vir a florescer? O que é o mal senão os sentimentos que recusamos, aprisionamos, humilhamos e que perdemos o caminho, por assim dizer, em nosso espírito, corpo, coração, ao mesmo tempo que recusamos, também, o seu reflexo, o seu duplo no mundo? O que já não é tão simples como apenas reprimir em si mesmo.

A consciência ou “luz” é a possibilidade de reagrupar e religar, segundo uma nova composição, numa nova disposição, as populações inumeráveis que nos habitam, fazendo com que co-habitem, mesquem seus elementos, façam circular seus componentes: “melting pot”. Que são os demônios, como diz Jezie, senão “gentalha”, mendigos, “low life people”, que ajudamos a produzir, no mínimo por omissão e com os quais temos que conviver? Para cada um dos que encontramos, nas ruas ou nos becos, um outro correspondente, sob a forma de afeto, é produzido em nossas células, difunde-se em nosso sangue, imprime-se em nossos nervos. Que são as “forças do mal” senão o mal que fazemos, impomos ou simplesmente presenciamos e com o qual convivemos, passando ao largo? A vitalidade que trazemos pulsando em nós vai sendo conspurcada pela vida violentada no outro, até que se torne inconsciência, insensibilidade, depois desprezo, ódio e finalmente crueldade. A inversão desse desconhecimento, desse desvincular-se do mundo e de si mesmo, desse desarticular-se do meio em que se vive, das cenas em meio às quais se vive, reside no desapego e determinação do anjo/médico, nas visões de Jacob. Ele representa tudo o que leva ao conhecimento e compreensão das idéias, situações e sentimentos que compõem a trama complexa da vida, realizando assim o que os escolásticos denominavam explicatio (“explicação”, que significa literalmente, “abrir o que estava dobrado” e se quisermos ser mais explícitos, “desamassar o que estava embolado”). Manobra de descomplicação, enfim: compreender o seu papel nos movimentos de vida que se entrelaçam.

Nesse ponto, seria interessante estabelecer uma analogia com o conceito de cultura, segundo o filósofo francês Michel Serres, da maneira como ele o expôs numa entrevista na T.V. Cultura, em novembro de 1999. Dizia ele que cultura é fundamentalmente “mestiçagem”, sair de si e ir de encontro ao outro. Sair do “parasitismo” e partir para uma espécie de “simbiose”. Os indivíduos devem deixar de ser abusivos, parasitas, no sentido de

que devem desprender-se da dependência em relação aos pais, em relação aos professores, em relação à sociedade e buscar entre si o que ele denomina o “contrato natural”, ou seja, essa espécie de “simbiose”. A Sociedade e a Cultura, não menos que a Natureza e a Biologia são “simbiose”, isto é, interdependência, troca de favores.

A globalização, em seu aspecto positivo, apontaria nessa direção: Aliança, Rede Global (se os homens vão ou não por aí, é outra história). Mais uma vez aparece aqui a idéia de mestiçagem, como mescla de diferentes modos de sentir, pensar, agir, criar soluções e formular problemas. Serres menciona as condições já dadas na realidade brasileira, apesar do ceticismo demonstrado por alguns entrevistadores, todos brasileiros, valorizando a mestiçagem étnica, real mistura de raças no Brasil, como formação de um povo e de um homem multiracial carregando, por conseguinte, em seu corpo, em si mesmo enquanto indivíduo, essa soma de diferenças, essa diversidade de cores, de tonalidades físicas, afetivas, intelectuais, artísticas, culturais, criativas enfim. Em seguida, perguntado à cerca da perda de valores, da memória, do real (devido ao advento da “realidade virtual”), por parte dos jovens e se isso constituiria uma ameaça, respondeu: ao deixar de ser quadrúpede e tornar-se bípede, o homem perdeu algumas funções, as mãos como apoio para locomoção e a boca como órgão de prender (abocanhar). Em contrapartida, ao tornar-se livre, a mão passa a pegar as coisas, manuseá-las e com isso desenvolve sua capacidade de uso, à ponto de mais tarde podermos ter o pianista, o cirurgião e até mesmo o prestidigitador! A boca, por sua vez, tendo sido liberada da função de pegar os alimentos, pode tornar-se órgão da fala! É isso a vida, só às custas da perda de certas coisas abre-se espaço para o surgimento de outras. Perdem-se certas condições, inventam-se novas. O “perder” abre-se para um “novo”: um inventar, um descobrir, um transformar.

Conclusão: “O imediato é o social”

Medos das ameaças e dos castigos sugeridos pelas crenças, superstições e dogmas induzidos por autoridades eclesiásticas, militares e científicas através de dispositivos ideológicos, químicos, eletrônicos, cibernéticos. Seitas, drogas, televisão, computadores. Fantasias, ficções, realidade virtual. Delírio, “bicho-papão”, “mula-sem-cabeça”, demônios e apocalipse. Sermões, discursos políticos, imprensa. Não seria tudo, no fundo, a mesma

coisa, com roupagens diferentemente sedutoras, na medida exata para as mentes sugestionáveis de cada época e de cada lugar? O “desvirtuador” usa o disfarce próprio a cada período, o instrumento ideal segundo cada época, o meio de comunicação ideal.

No período medieval, por exemplo, bastava uma boa história à cerca dos castigos infinitos após a morte para aquele que ousasse mover um dedo que fosse contra a ordem estabelecida, a terrível aliança do poder pastoral com o poder temporal. Mais recentemente, o poder de anular a vontade ganha um novo avatar, que vem se juntar às duas outras potências alienadoras já existentes. À via ideológica de alienação, que se caracteriza pela união de indivíduos em torno de idéias exclusivistas e segregacionistas de caráter político, étnico, religioso, etc. E à via química, que começa com um certo uso da medicina social, em sua relação com o problema da produtividade, como estudado por Foucault, passa pela psiquiatria e culmina com a difusão das substâncias psicotrópicas como “paraísos artificiais”, à partir dos anos 60. Vem se somar a esses dois poderes a via cibernética, a informática, que se desdobra no controle das atividades e funções sociais de serviço e no desenvolvimento da chamada “realidade virtual”, um mundo sem que seja necessário sair do lugar, nem mesmo sair-se de si, liberando o homem para uma passividade e inércia de consequências insuspeitadas no que se refere à sua liberdade criativa.

Diante desse quadro torna-se essencial a busca de meios de resistência e oposição a essas formas de dominação, nos campos da filosofia, psicologia, ciências políticas e sociais e artes. A busca de aliados que se voltem, de um lado, no sentido de desembaraçar o novelo em que se tornou o inconsciente, enquanto campo dos desejos e das criações, visando uma clareza conceitual e prática e à partir daí, melhores condições de luta através da teoria e da prática relativas à questão da produção da subjetividade. E de outro lado, também aliados na área científico-tecnológica, que se dediquem a uma estratégia de desmontagem dos aparelhos de dominação técnicos, tecnológicos, sociais e cibernéticos, reorientando todo o encaminhamento dos usos e funções desses aparelhos e instrumentos. É preciso determinar quais os objetivos práticos e as ações cruciais a serem desencadeados e que aspectos nocivos das práticas sociais devem ser analisados e eventualmente desmistificados e denunciados. Por exemplo, o consumo de drogas como recurso questionável para a

expansão da consciência, como o foi para muitas sociedades tribais, em seus usos religiosos e para a juventude, nos anos 60 e 70, como forma de “liberação da consciência”. Em primeiro lugar por ser prejudicial ao corpo e principalmente por estar ligado inapelavelmente, hoje em dia, ao poder financeiro e à criminalidade (se é que não o esteve sempre).

Hoje em dia, quando uma criança maltrapilha aproxima-se para pedir dinheiro, damo-nos conta de que não há mais lugar para o chamado “prazer pessoal”, ou seja, que o prazer deve tornar-se transpessoal, isto é, fraternal (se é que há algum sentido em se falar de uma “Nova Era”, deve ser este). Cada ato é político, cada atitude deve ser cunhada em solidariedade. É o que nos mostrou o Betinho: O IMEDIATO É O SOCIAL. Não há mais nações, instituições, ideologias, teorias que devam ousar ser pensadas separadamente. Estamos todos irremediavelmente “enganchados”. Cada ato ou omissão de cada um é um nó de força ou o desatar de um nó numa imensa rede. As grandes cidades são excelentes lugares para que constatemos essa realidade, basta olhar em torno com olhar profundo, quer dizer, com “profundidade de campo”. Todos devemos buscar essa profundidade de olhar, não só em nossas respectivas profissões, como no cotidiano puro e simples e mesmo nos momentos de lazer e descontração: SOLIDARIEDADE SEM TRÉGUAS. Fernando Pessoa nos mostra como (em algo que talvez pudéssemos chamar “socialismo pessoano”):

“Vou num carro elétrico, e estou reparando lentamente, como é meu costume, em todos os pormenores das pessoas que vão diante de mim. Neste vestido da rapariga que vai em minha frente decompõo o vestido em o estofa de que se compõe, o trabalho com que o fizeram_ pois que o vejo vestido e não estofa_ e o bordado leve que orla a parte que contorna o pescoço separa-se-me em retrós de seda, com que se o bordou, e o trabalho que houve de o bordar. E imediatamente, como num livro primário de economia política, desdobram-se diante de mim as fábricas e os trabalhos_ a fábrica onde se fez o tecido; a fábrica onde se fez o retrós, de um tom mais escuro, com que se orla de coisinhas retorcidas o seu lugar junto ao pescoço; e vejo as sessões das fábricas, as máquinas, os operários, as costureiras, meus olhos virados para dentro penetram nos escritórios, vejo os gerentes procurar estar sossegados, sigo, nos livros, a contabilidade de tudo; mas não é só isto: vejo, para além, as vidas domésticas dos que vivem a sua vida social nessas fábricas e nesses escritórios... Todo o mundo se me desenrola aos olhos só porque tenho diante de mim, abaixo de um pescoço moreno, que de outro lado tem não sei que cara, um orlar irregular verde escuro sobre um verde claro de vestido. Toda a vida social jaz a meus olhos. Para além disto pressinto os amores, as secrecias[sic], a alma, de todos quantos trabalharam para que esta mulher que está diante de mim no elétrico, use, em torno do seu pescoço mortal, a banalidade sinuosa de um retrós de seda verde escura fazenda verde menos escura. Entonteco. Os bancos do elétrico, de um

entre-tecido de palha forte e pequena, levam-me a regiões distantes, multiplicam-se-me em indústrias, operários, casas de operários, vidas realidades, tudo. Saio do carro exausto e sonâmbulo. Vivi a vida inteira.”(Pessoa/ Soares,1995; p.93/94)

Dois outros autores associam a condição para a efetiva realização da solidariedade a uma situação de extrema vulnerabilidade dos indivíduos. Marshall Berman chama a atenção para as circunstâncias em que se dá a transformação do rei Lear, na tragédia de Shakespeare. Só o homem desacomodado, isto é, destituído de seus privilégios e salvaguardas, despido de suas proteções e confortos, e com isso, exposto às intempéries da vida, em uma palavra “literalmente nu perante a natureza”, considera Berman, é capaz de solidarizar com seus semelhantes, especialmente os mais “dessemelhantes” dentre eles, os miseráveis, e viver a condição humana em sua plenitude.

“Pobres miseráveis desnudos, onde quer que estejam,
Que aguardam o golpe dessa impiedosa tormenta,
Como suas cabeças desabrigadas, seus ventres vazios,
Seus rotos e imundos farrapos poderão protegê-los
De intempéries como estas? Oh, dei muito pouca
Atenção a isso! Toma esse remédio, oh pompa inútil:
E tu, que possas sentir o que os miseráveis sentem,
Para que o supérfluo de tua dor se espalhe entre eles
E mostre bem clara a justiça dos céus.” (Rei Lear; III, 4, 28-36)

Berman comenta:

“Seu triunfo [de Lear] consiste em transformá-lo em algo que ele jamais havia sonhado ser, um ser-humano. Aqui uma esperançosa dialética ilumina a trágica intempérie e a desgraça. Sozinho no vento, no frio e na chuva, Lear desenvolve a visão e a coragem para romper com sua solidão, para tocar seus semelhantes no enalço de calor mútuo. Shakespeare nos diz que a ameaçadora e nua realidade do ‘homem desacomodado’ é o ponto a partir do qual uma reacomodação pode ser conseguida, a única base sobre a qual uma verdadeira comunidade pode ser construída.” (Berman, 1986; p.105)

Em meio à luta pela sobrevivência é possível ao homem atingir aquele “grau zero de subjetividade”, em que deixa de ser um indivíduo, uma pessoa e torna-se aquele ser cuja largueza de espírito é capaz de abarcar, acolher as experiências de todos os outros homens e ao qual todos os indivíduos, por sua vez, sentem-se impelidos a conjugar suas próprias experiências. Subjetividade pura, sem sujeito, ‘pura imanência’, como diz Deleuze: “uma vida”.

“Um canalha, um malfeitor por todos desprezado, é encontrado à morte e eis que os que dele passam a cuidar manifestam um certo tipo de envolvimento, de respeito e de amor ao menor sinal de vida do moribundo. Todo mundo luta para salvá-lo, à ponto de que, do fundo do seu coma, o próprio vilão sente algo de doce penetrá-lo. Mas à medida em que ele retorna à vida, seus salvadores se fazem cada vez mais frios, e ele reencontra toda sua grosseria, sua malvadeza. Entre sua vida e sua morte, há um momento em que trata-se de ‘uma’ vida lutando contra a morte. A vida do indivíduo deu lugar a uma vida impessoal e no entanto singular, que libera um puro acontecimento destituído dos acidentes da vida interior e exterior, quer dizer, da subjetividade e da objetividade do que acontece. ‘Homo Tantum’, do qual todos se compadecem e que atinge uma espécie de beatitude.” (Deleuze, 1995; p.5)

Profundidade de perspectiva para fora de si mas também para dentro de si mesmo; para quebrar as correntes do próprio passado (que detém a visão clara do presente) e ajudar a construir os alicerces do futuro coletivo deslocando-o da terceira para a primeira pessoa do plural. Isso requer coragem e concentração, firmeza e clareza. Por exemplo, no exato momento em que escrevo essas linhas, ouço, em crescendo, um bloco de carnaval que sobe a rua . O barulho aumenta progressivamente. Esse tipo de coisa tem o poder de nos distrair. “CARNAVAL, FUTEBOL E BEBIDA PRÁ ESQUECER”, fazem parte da “identidade nacional”. E no entanto, tudo isso é uma mecânica e exaustiva repetição do que um dia foi espontaneidade, alegria e arte. “Se a música é ruim, aumenta o volume”. “Se a bebida não faz mais efeito, aumenta a dose”. “Se o futebol é medíocre, brigemos nas arquibancadas”. Mas não se trata aqui de amargura, uma vez que há uma alternativa a essa embriaguês coletiva em que vivemos: é o voltarmos-nos para o COTIDIANO IMEDIATO, o que está “diante de nossos narizes” na lucidez passível de ser construída em cada pequeno ato.

BIBLIOGRAFIA:

BENJAMIM, WALTER. “Obras Escolhidas; Magia e técnica/Arte e Política.” São Paulo: Brasiliense, 1986.

BERMAN, MARSHALL. “Tudo que é sólido desmancha no ar.” São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

DELEUZE, GILLES_ “L’immanence: une vie...” in Philosophie n.47, setembro de 1995; Paris, De Minuit.

DELEUZE, GILLES e GUATARI, FÉLIX_ “Mil platôs”vol. 3, São Paulo, Ed. 34, 1996.

PESSOA, FERNANDO_ “Livro do Desasossego por Bernardo Soares”; São Paulo, Brasiliense, 1995.